

**Tema | Estação:** Património agro-pastoril | Fojo do Lobo 1 (estação F)

**Local:** Gondomar

**Ciências envolvidas:** Ciências Naturais

**Autores:** alunos da turma 7<sup>ª</sup>G, da Escola Básica de Vila Verde

Quando chegámos a esta estação encontramos uma placa de madeira com indicações sobre o fojo do lobo. Esta tinha ainda a designação científica da espécie do lobo, da alcateia de Vila Verde. Aprendemos ser formado pelo nome do género seguido de outro nome/“epíteto” específico (ambos em *itálico*): *Canis lupus*. O nome vulgar desta espécie é lobo cinzento.

Neste trilho Eco-lobo, que temos vindo a realizar, não tivemos a sorte de avistar qualquer lobo, mas observamos vestígios da sua presença, excrementos, contendo pelos da respetiva presa que lhes serviu de alimento (veja-se figura abaixo), podendo assim perceber-se qual o seu regime alimentar. Estes excrementos são usados pelo animal como pontos de marcação do seu território, para comunicação entre os membros da alcateia.

O investigador e especialista em lobos que nos acompanhou neste trilho, mostrou-nos o fojo de Gondomar, a que chamou “Monumento do Fojo do Lobo”, adjetivando-o ainda como “valioso”, por ser um dos maiores da Península Ibérica: este pois possui dois fossos (apesar de só termos tido a oportunidade de ver um) e uma muralha/muro com uma extensão de cerca de 2 km. Os ataques constantes dos lobos aos rebanhos, que comprometiam o sustento dos habitantes locais, e a insegurança junto da população, motivaram a sua construção. Com a proteção desta espécie e a proibição das batidas, os fojos do lobo ficaram inutilizados, sendo, no entanto, um importante marco cultural das comunidades de montanha. Soubemos ser seculares e que foram utilizados até 1930. Esta armadilha, construída manualmente pelas populações locais e vizinhas, criada pelo homem para o caçar e matar, ladeada por extensos muros graníticos, tem ainda uma altura de cerca de 2 metros de altura e são encimados por uma aba mais larga (cápeas), que dificultava que o animal saltasse e fugisse. Já os poços, com cerca de 3 a 3,5 metros de profundidade, na altura das batidas, eram escondidos por ramos de vegetação diversa, levando a que o lobo caísse, porque não se apercebia desse abismo. Depois, lá eram apedrejados pela população até à morte. Francisco Álvares informou não existirem muros com cápeas na Península Ibérica tão bem preservadas como em Gondomar (veja-se figura abaixo).

Este fojo foi construído pelo mesmo granito da restante região do trilho Eco-lobo: de textura fanerítica, observando-se o quartzo, o feldspato e as micas (essencialmente a biotite), sendo porfiróide de grão grosseiro a médio grosseiro.

Nesta estação, a flora é essencialmente constituída por ranúnculos, giesta, salgueiros e carvalhos.



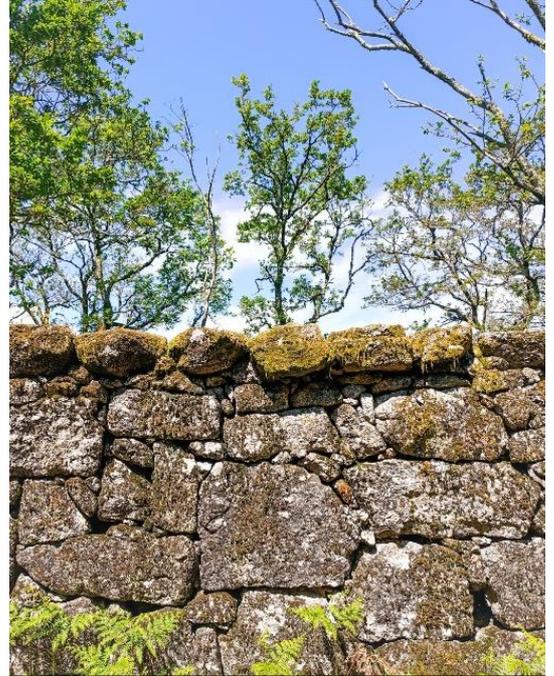
Fojo do lobo 1



Excrementos de lobo, junto ao poço do Fojo



Muro com uma extensão de cerca de 2 km, que conduzia os lobos ao fojo  
ao fojo



Pormenor do muro granítico da foto à esquerda,  
com cápeas, excelentemente preservadas